



**Engajar-se artisticamente:  
o ser humano como ponto de partida da mudança**

**Engaging yourself artistically:  
the human being as a changing point**

Braulio Giordano

Doutorando em Filosofia Prática na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Filosofia Contemporânea pela Universidade do Porto (U.P) e Graduado e Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

**RESUMO:**

A arte precisa do engajamento humano para que seja engajada. Ela não existe sem o humano, mas a partir da existência e do engajar-se humano. A arte por si só, mas de braços dados com quem persevera nela e com ela, pode transformar o mundo ou não. Ela não existe para mudar, seja o nada, seja tudo; apenas existe como é. São as ações do ser humano, que ao serem atravessadas pela arte e a partir dela, podem transformar, mudar, modificar e ter o mundo como objeto de mudança, transformação e não constância. Somos fenômenos capazes de socialmente e politicamente desconstruir o estabelecido e construir o que virá a ser, pois abalar o sistema interno daquilo que já tem vida, pode remodelar outros caminhos e proporcionar novos horizontes. Os meios não existem sem um fim, tanto como, sem um começo. O conjunto de nossas ações no mundo existem sempre em relação às possibilidades que nos rodeiam. Jean-Paul Sartre em *Being and Nothingness* repara que possuímos intermediações internas e que somente existem por conta do que ele chama de *situation*. Ela refere-se, ainda segundo Sartre, a nossa facticidade por existirmos e a nossa liberdade de *estarmos sendo*, e é nesse sentido que Roquentin, personagem de *Náusea*, outra obra do filósofo em questão, quando percebe-se tomado pela Náusea, pede a garçonete que toque uma música que gosta, e assim, reencontra-se consigo e com sua humanidade através da música. A parafrasear Eduardo Lourenço, quando traça um paralelo entre estarmos diante da janela de nós mesmos e estarmos a passear na rua: somos o que fazemos e disso somente os outros sabem. Pergunto: A arte pode ser um espaço de mobilização para uma ação política não-institucional? Respondo: depende, pois depende do espanto de



quem absorve a arte, assim como, daquilo que será feito a partir desse *thauma*. A arte pode apenas nos atravessar, como também, vir a ser um devir com um propósito: mudar o mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Jean-Paul Sartre; Náusea; Engajamento; Arte.

**ABSTRACT**

Art needs human engagement to be engaged. It does not exist without the human, but from human existence and engagement. Art by itself, but arm in arm with those who persevere in it and with it, can transform the world or not. It does not exist to change, be it nothing or everything; it just exists as it is. These are the actions of the human being, which, when crossed by art and based on it, can transform, change, modify and have the world as an object of change, transformation and not constancy. We are phenomena capable of socially and politically deconstructing what is established and building what will become, because shaking the internal system of what already has life can remodel other paths and provide new horizons. The means do not exist without an end, nor without a beginning. The set of our actions in the world always exist in relation to the possibilities that surround us. Jean-Paul Sartre in *Being and Nothingness* notes that we have internal intermediations and that they only exist because of what he calls *situation*. It refers, according to Sartre, to our facticity in existing and our freedom to be, and it is in this sense that Roquentin, a character in *Nausea*, another work by the philosopher in question, when he finds himself overcome by *Nausea*, asks the waitress play a song that you like, and thus, rediscover yourself and your humanity through music. To paraphrase Eduardo Lourenço, when he draws a parallel between being in front of our own window and walking down the street: we are what we do and only others know that. I ask: Can art be a space for mobilization for non-institutional political action? I answer: it depends, as it depends on the amazement of those who absorb the art, as well as on what will be done from that *thauma*. Art can only cross us, but also become a becoming with a purpose: to change the world.

**KEYWORDS:**

Jean-Paul Sartre, *Nausea*, Engagement, Art



## INTRODUÇÃO

Auto Exame, auto interrogação, autoquestionamento. Perplexidade ao levantar questões que não têm respostas claras e a filosofia faz um grande trabalho ao nos deixar perplexos com esses questionamentos. O que significa ser um humano? Quais são as formas de amor que constituem o melhor de nossa humanidade? Como encontrar o nobre caminho de procura pelo conhecimento da bondade, da verdade e da beleza? O primeiro ato, quando decidimos nos aventurar na filosofia de forma séria, diz respeito a sermos não conformistas o tempo suficiente e necessário para que possamos fazer perguntas sobre certas hipóteses, afirmações, ou, pressuposições. Um pouco, talvez, quando pensamos sobre a morte. É durante o momento de pré-morte que levamos em consideração certas suposições ao ponto de discordar delas ou permanecer acreditando nelas, crendo nelas. Vivemos a vida possuindo nossas próprias suposições, pressuposições, dogmas, mesmo porque, se afirmamos que um dogma é errado, por si só, seremos dogmáticos. Podemos lançar a pergunta: nossas suposições e pressuposições sobre nós mesmos e sobre as coisas do mundo são aceitáveis, racionais e válidas, tanto para nós que as temos, quanto para as pessoas que valorizamos?

Sócrates, por exemplo, foi um filósofo sem classificação, de modo há não ser possível rotulá-lo. Ele exemplificava um modo de ser, um jeito de viver na centralidade do hábito de questionar, perguntar e fazer um exame como se fosse uma tarefa em prol da descoberta da verdade. Na esfera pública, sentava-se com seus novos ouvintes, que a sua frente e sua volta, ouviam questionamentos como o que é 'justiça', 'república', 'coragem', 'conhecimento'; um elenco de formas de questionamento sobre o âmago da coisa a ser conhecida, como: 'o que é?'. Ele lançou ao mundo essas questões e aqueles que enxergavam serem os mais sábios, como os poetas, os políticos, os matemáticos, os cientistas, todos eles, tornaram-se perplexidade ou espanto para Sócrates, pois ele compreendeu que os tais sábios não sabiam de nada. Assim, percebeu que ele era o mais sábio de todos, já que



sabia que não sabia. É nesse sentido que Platão encontra-se com Sócrates, fica de queixo caído e deixa de ser escritor de peças de teatro para tornar-se filósofo. No entanto, foi através desse encontro que Platão passou a escrever sobre Sócrates em formato de diálogos, os quais passaram a decifrar sua personalidade e testemunhar seu trabalho em vida.

Aristófanis, um pensador e dramaturgo da época de Sócrates, escreveu “As Nuvens”, uma peça de teatro. Nela, ele foi muito crítico a Sócrates, a desenhar sua imagem como um ser humano como tendo sua cabeça nas nuvens e seus pés sem tocar ao chão, de modo a debochar dele e a colocá-lo num lugar de não encontro com a realidade e de enganador. Sua forma de escrita foi um embate em forma de diálogo, foi um conflito, um desacordo. Quanto a Sócrates, ele mesmo sendo um filósofo da época, não tinha um reconhecimento a sua altura, e foi assim que Platão tornou-se importante. Mas, o que isso tem de importância para a própria filosofia? Se supormos que quando filosofamos temos que ser humildes, pois chegamos nesse mundo sem nada, embora com o tempo possamos nos mover objetivamente em prol de nossa autonomia e independência, a filosofia não tem relação com elitismo ou arrogância intelectual, como se um olhar de cima olhasse para baixo e começasse a julgar tudo o que vê, isso é um estereótipo, e por mais que ele exista, também precisa ser objeto de pensamento. Precisamos questionar o grande inquisidor da filosofia, como foi Sócrates, por exemplo, precisamos aprender a ser humanos.

### **Filosofia como Engajamento**

Ao darmos conta do nosso ser no mundo como uma pequena parcela daquilo que já existe, nos rodeia e permanece a existir com e junto a nossa existência, em certa medida, devemos criar no nosso humano um sentimento de humildade perante o mundo e aos outros seres humanos presentes no mesmo mundo. O que significa estarmos diante da morte ou diante de alguém que nos traiu, como se dá na relação entre rei Lear e um de seus filhos, Edgar? A filosofia, em certo sentido,



pode ser visitada de forma a esquivar-se da morte ou a negá-la, assim como, a recusarmos e enfrentarmos as realidades inescapáveis da vida. Quando agimos assim, podemos refletir a partir de uma conotação política, ideológica, cultural e existencial, isto é, a filosofia deve abraçar todas as possibilidades de nossa realidade. A filosofia diz respeito a nossa tentativa de vermos diferente o que já vimos, de sentirmos de forma mais profunda sobre aquilo que um dia sentimos e agirmos corajosamente, como se precisássemos repensar antes de pensar. É assim que nos damos conta da busca humana falível pela 'verdade', pela 'bondade' e pela 'beleza'. Podemos viver em qualquer canto do mundo e ainda poderemos questionar sobre o que significa sermos humanos e nos autoexaminarmos, pois nessa busca por tais conceitos, perceberemos a formação de uma tensão, de modo que estaremos diante de um encontro com nosso ser que agora compreende que está diante das coisas que realmente importam, já que ocorre uma certa maturação através de um pensamento crítico sobre as coisas do mundo e sobre nós mesmos. De certo modo, a filosofia nos ensina a enfrentarmos questões como felicidade e tristeza, justiça e injustiça e beleza, assim como, questionar se o que é belo necessariamente não é feio e vice-versa. Todas essas questões, em certa medida, devem pertencer a um caminho de aventura e de desfrutamento, pois a filosofia diz respeito a esse nível profundo de nos atentarmos ao que nos pode ser tocado e atingido por nós, como seres humanos ao ponto de nos entendermos como tal, a cultivarmos uma consciência e uma sensibilidade críticas acerca de nós mesmos e do que fazemos aqui no mundo.

Agir é um verbo de ação que pode transformar o mundo e, transformar, também um verbo, é um caminho que pode trazer mudança tanto em nós quanto no mundo, como uma ambição metodológica e de conhecimento do que se pode fazer epistemologicamente para conseguirmos dar vazão a esses verbos. Filosofia e prática podem ser aliadas nesse propósito. A partir da noção de não sabermos, para assim darmos início a um pensamento sobre pensar e irmos além, como usarmos o pensamento com o objetivo de mudarmos nossa realidade e nossa



existência e de termos a sensibilidade de que podemos fazer alguma coisa por nós, pode ser o começo de tudo. José Gil, quando poeticamente decifra Fernando Pessoa em *O Devir-Eu de Fernando Pessoa*, exalta essa palavra, a sensibilidade, pois a tem como ponto de partida para que o leitor encontre seu autor enquanto o lê, além disso, afirma ser evidente nosso interior voltar-se para o exterior no interior de si próprio. Isso se dá, diz ele, como um movimento paradoxal - “pois é em si que tende a sair de si para dentro de si.” É como Sartre em *O que é a Literatura*, quando afirma sobre a escrita estar para alguém como se as palavras que ali são escritas fossem destinadas a esse alguém, ou seja, ao leitor. Quando materializamos nossa conduta filosófica no mundo e concretizamos nossos pensamentos em forma de prática existencial, podemos de fato dar sentido às nossas mais profundas aflições e angústias. Esse acontecimento se dá quando nos esvaziamos de saber, assim como, do nada existencial - como Sartre faz em sua filosofia, primeiramente de forma literária como em *A Náusea* e estritamente de forma filosófica em sua vasta obra *O ser e o nada*.

### **A Náusea**

Se pensarmos em Sartre, o indivíduo é responsável a lhe atribuir sua própria experiência. Roquentin, personagem principal de *A Náusea*, confronta-se com sua percepção de que tudo é supérfluo, desnecessário e quando nota que sua vida, além de não ter sentido, é também contingente, gratuita e a revelação de que a falta de sentido em existir toma controle de si, desta forma, torna-se um pessimista autodestrutivo. Mas é através desse pessimismo que a mudança ganha possibilidade de ocorrer. Ele persevera na sua existência, tendo como sua uma realidade insuportável e nesse caminho maravilha-se com o vazio e com o nada que o circundam, percebe que sua solidão preenche a constatação de que passado



e presente não lhe pertencem. É quando ouve o jazz “Some of These Days”<sup>87</sup>, que Roquentim se dá conta de que a existência, por não ter sentido, torna-se a sua oportunidade de encontrar-se como responsável de sua própria existência, como se ela estivesse “deitada sob seus ombros”, como Sartre indica em *O Existencialismo É Um Humanismo*.

A música, em certo sentido, é que eleva Roquentim a um outro mundo, ao mundo das ideias, da contingência à necessidade, de modo que a náusea assim some, evapora. É a música que desperta sentido e gera existência naquilo sem sentido, ela funciona como remédio para o absurdo da existência, ela existe através do disco que a toca e para além dele, de modo a reconciliar o *em-si* e *para-si*, as coisas e o humano. Ao passo que a existência ganha sentido, Roquentim imagina o esforço do artista, um ser criador de arte e que a cria, a constrói a partir do vazio de sua existência. É esse sentimento de imediata liberdade que ocorre através do absurdo do mundo que faz ele perceber, como diz Sartre em *O Ser e o Nada*, que “cada projeto de liberdade é um projeto em aberto”<sup>88</sup>. Além disso, a música representa a atividade criativa e livre do ser humano, este como interlocutor da livre e não contingente escolha de criar, já que se cria por ensinar a criação, de modo que ela torna-se o porvir da ação humana, esta que cria sua existência a partir de sua ação de criar, assim como, faz Roquentim perceber que sua existência tem relação com suas ações as quais apenas são suas, de modo a ele ser responsável por elas, logo, ele nota que está no mundo<sup>89</sup>.

Nesse sentido, o nada relaciona-se diretamente com o ser e sua ação no mundo, de modo a ele, o nada, estar como que colado no ser, como Hazel Barnes

---

<sup>87</sup> Tucker (1884–1966) foi judeu, e a música foi escrita pelo músico canadense e afro-descendente Shelton Brooks (1886–1975), que baseou-se a melodia do blues de Frank Williams, de nome ‘Some o’ Dese Days’ (1905). (p. 399, Mark Carroll).

<sup>88</sup> Sartre, *O ser e o Nada*, p. 57.

<sup>89</sup> Ibid. p. 507.



deixa explicitado em sua ontologia sobre Sartre<sup>90</sup>. É a partir da consciência que tudo ganha sentido, o *ser para si*, e é através da nadificação que o *ser em si* ganha sentido, ou seja, é o homem, para usar os termos de Sartre, que dá sentido ao opaco, a esse vazio. Ao passo que a música traz a Roquentim um emblemático estado de percepção de si mesmo no mundo, também lhe proporciona um estado de presença no seu presente tempo de estar no mundo, o que em grande medida, o leva a superar o passado ausente que antes o mantinha no limbo de sua existência, de modo a esforçar-se em conquistar um futuro que ainda se mantém apenas como possibilidade, como uma potencialidade que ainda está implícita em seu ser. Nesse sentido, sua existência ganha outra dimensão e ela não é pessimista, já que mesmo que o mundo não tenha sentido, estamos nele e vivemos nele, assim como, lhe damos significado. De certa maneira, é a partir da existência que humanamente damos sentido às coisas e deixamos de lado o absurdo do existir. Eduardo Lourenço, em *Uma Ideia de Mundo* – um colóquio de entrevistas – traça um paralelo entre estarmos diante da janela de nós mesmos e estarmos a passear na rua e complementa que somos o que fazemos e disso somente os outros sabem. De certa maneira é o que Sartre propõe, pois o homem se faz a partir daquilo que é feito a partir dele, mas o que nos define em outro sentido é o nosso engajamento, nossa ação no mundo, nossos amores, como bem diz Lourenço.

### Considerações Finais

A permanência num estado de não existência, assim como, de solidificação de uma ideia de nós próprios, faz com que a mudança não ocorra. No caso de Antoine Roquentim, é a música o torpor que dá início à possibilidade de algo se transformar, é ela que lhe dá sentido de existência, significado; ela é o espelho que o vê como ele deveria ser, como possibilidade de futuro. Ainda acompanhado de Eduardo Lourenço, ele bem diz que "ausentar-se, recusar-se, dizer todos os - *sim*

---

<sup>90</sup> Barnes, Hazel, "Sartre's ontology: The revealing and making of being, p. 13.





- para evitar o nada de um simples - *não* - são perpétua escolha. E a - *não escolhida* - é a pior delas"<sup>91</sup>. A escolha está atrelada à existência e a liberdade, ao ponto de escolhermos não pelo desejo ou através do *em si*, mas através do *para-si*, para o mundo como projeção em vida. O formigamento causado pela música, como se fosse um toque capaz de tocar seu corpo, faz Roquentin sentir "uma espécie de alegria"<sup>92</sup>. Deste modo, ele passa a pensar sobre a criação artística, bem como, sobre como o autor da música a criou, a trazer à tona o êxtase existencial desse artista que "lá longe compôs essa melodia, num dia de julho, no calor negro do seu quarto. Tento pensar nele *através* da melodia."<sup>93</sup>. Estar no mundo e fazer alguma coisa é como criar a própria existência e a saída do absurdo reflete como uma noção de que o seu passado, mesmo que sem sentido, um dia foi e de certa maneira preenchido de pessimismo, mas foi através dele que seu presente se tornou o que é, ou seja, "sou eu que me extraio do nada a que aspiro".

A música, em grande medida, proclama liberdade, segundo Sartre. Em *Situations*, quando Sartre é convidado a escrever sobre música, ele reitera que além de uma transformação pessoal passível de acontecer através e pela música, há também o fator social, o qual está intrinsecamente relacionado à arte. Segundo Sartre, a arte é uma revolução permanente, assim como as sociedades em geral, as quais têm sido revolucionárias ao seu tempo e no seu tempo. É a partir dessa reflexão social que Sartre passa a questionar se a arte precisa ser engajada ou não, como uma necessidade em prol da mudança. Entretanto, a arte não pode apenas levar seu interlocutor a abstração, ao ponto de não ressignificar sua potência de devir, já que não importa, para Sartre, a razão pela qual Beethoven ou Chopin compuseram suas sinfonias ou baladas, mas como tais, elas lhe apresentam algum significado e a arte diz respeito a isso, ao como nos toca, como forma de sentido,

---

<sup>91</sup> Lourenço, Eduardo. *Uma Ideia do Mundo*. Colóquio Letras, p. 366.

<sup>92</sup> Sartre, *A Náusea*, p. 191.

<sup>93</sup> Sartre, *A Náusea*, p. 191.



tem algum significado para quem a absorve. Essa absorção ocorre quando o que nos atravessa como arte está para além dela mesma e é assim que ela chega até nós, é assim que a partir dela pode-se transbordar sentimentos, como faz com Roquentim, quando lhe dá o prazer de sentir-se alegre, lhe transforma e o tira de sua amargura vital contínua para desta forma poder mudar o seu próprio mundo.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARNES, Hazel, "Sartre's ontology: The revealing and making of being., in *The Cambridge Companion to Sartre*, Cambridge University Press, 1992.

Lourenço, Eduardo. *Uma Ideia do Mundo*. Colóquio Letras. Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. *Being and Nothingness: A Phenomenological Essay on Ontology*, Translated by Hazel E. Barnes. New York: Washington Square Press, 1993.

\_\_\_\_\_, *Nausea*. Translated by Baldick, R. London: Penguin, 1938.

\_\_\_\_\_, "The Artist and His Conscience", in *Situations*, Translated by Benita Eisler. New York: George Braziller, 1965.

\_\_\_\_\_, *The Transcendence of the Ego: A sketch for Phenomenological Description*. Translated by Andrey Brown. London: Routledge, 2004.

\_\_\_\_\_, *What is Literature? And Other Essays*. Translated by Bernard Frenchman. Harvard University Press, 1988.